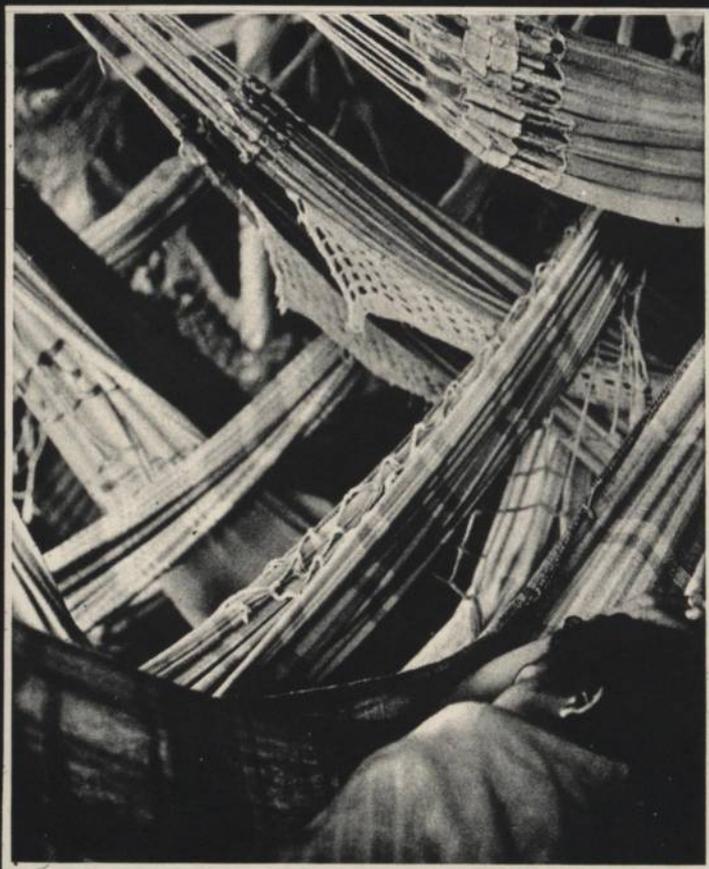


Co2380

AMAZONIA

tudo no ar é febre de calor e umidade,
a sensação amorfa, lanhada pelo fogo e ar confabulados,
jorrando sobre teu corpo calvo,
outrora verde alado

AMAZONAS



fotografias isabel gouveia joão luiz musa sonia da silva lorenz
textos milton hatoum som joão carlos nassif betinho

De 4 a 14 de outubro de 1977
escola de artes visuais

Rua Jardim Botânico, 414 - Parque Lage-Rio Tel. 226 1879

fiadas de peixes nas bancadas do mercado inglês
de aço, arpoados
nos ventres tufados das fêmeas dos peixes-bois, as vacas
que deslizam sob águas barrentas, parindo bezerras também
peixes
que saem pastando no fundo dos lagos, em cujas superfícies flutuam
os espinhéis, e os camuris dos pescadores acorados na proa
e haste à mão direita e arpão na extremidade da haste que será cravada
no lombo do casal de peixes-bois que se amam no fundo
onde o silêncio não é
tão silêncio, e onde os pacus os tucunares os tambaquis deitarão
não mais no limo, no morno do limo, e sim no mármore,
na umidade do mármore italiano que os britânicos construíram no início
do século XX
por ocasião da euforia da borracha, que já terminou (a euforia
e a borracha)
e permaneceu, entre outros palácios, o mercado, onde Jonas grita:
olha a banda de tambaqui fresquinho, e Raimundo: olha a manta de pirarucu
seco, chega tã branquinho, e jaraquí, o surubim, o matrinchão
para o freguês que não é importunado pelos urubus que não podem entrar e ficam
olhando pelas janelas do bar
ou pelas telas rendadas de aço ou pelas grades
com pontas de lanças onde sentado, o homem olha o horizonte do mercado que abre
suas grades para o rio Negro e amarelo
do sol que resseca a pele
dos peixes e retrai as escamas do homem.

Industrializar a Amazônia. Ocupar a Amazônia. Garantir suas fronteiras. Sim. Trocar a ferida, espremer o vulcão e reter seu pus à mão. Re-talhar com corte fundo, a selva. Re-colonizar. Rasgar a pele do homem sangrar o meio. Jamais sarar. Banir a mandioca, arremessar a tapioca para o fundo. E maquirar. Equacionar com dados, o azar. De todas as folhas amanhecerem roxas, à procura de ar. E ar parado é sintoma de febre, que se propaga no espaço, difícil de se lacrar. Este fedor de fumaça, da chaminé minarete da praça, o falado modernizar. Afastar a cuia com o caldo a farinha o ensopado, e comer o de dentro da lata, quando o enlatado não for lixo, e quando lixo não for banquete, dos urubus ao seu enalço. E se é impossível lacrar o espaço, que se proíba o ar parado e se decrete ar circulante. Introduzir refrigerantes sodas causticantes e abolir o guaraná, com seu vermelho berrante. Capinar o mato denso, enterrar o bugre brabo e autorizar a decolagem, da aplicação dos impostos dos incentivos propostos, que com suas manadas do sul invadirão o novo pasto que será norte. Não se preocupem com a chegada, pois a visibilidade é mais que boa, não há neblina ou ar a toa, mas um aeroporto que é um colosso, com pistas para concordes e navios voadores; uma suite de um hotel de mil estrelas, araras, seriemas e garças, desfilando com a mais fina plumagem e exalando o ar que se queira. Este é o saldo final, de um empreendimento virtual que era assegurar fronteiras. Sô faltou considerar o homem e a própria vida, ou o que está na moda, melhorar sua qualidade. Sô que a vida já em si é qualidade, sem a devida notoriedade, de ser industrial ou extrativa, amazonense ou sulista, paraense ou varejista.

milton hatoum

O caminho que existe entre o que foi fotografado e o resultado é muito grande. As fotos foram tiradas enquanto viajava — elas iam saindo naturalmente no que eu estava vivendo. As pessoas que eu ia conhecendo, os lugares, as casas, rios e árvores que me despertavam. Foi sendo registro daquela vivência nova — não fui à Amazônia como uma fotógrafa que vai fazer uma reportagem. No resultado do trabalho, me preocupei em escolher, para expor, as fotos que conseguiam passar um tempo, um espaço, um ritmo do viver — as pessoas no seu estar cotidiano. E dentro dessa vida a zona franca infiltrada, com os ventiladores, relógios de pulso, calças lee, gravadores e fitas gravadas com os mais pobres "hit parades" americanos que tocam nos lugares mais longínquos e inesperados.

Na Amazônia, na época da cheia, nenhuma estrada circula. Para se ir de um lugar a outro, que são próximos no mapa da geografia, leva-se dias num barco — dando voltas pelos igarapês e rios — no silêncio verbal que o barulho do motor impõe aos viajantes. E lá fora na mata, às vezes sem se ver uma casa por muitas e muitas horas, aí, perdida, surge uma casinha sobre pilares, com a água na porta, a mãe na janela, os filhos nas redes, esperando os três meses que a água levará para baixar e a terra ressurgir fértil para o pequeno plantio. Amazônia imensa, quente e úmida — tão diferente da nossa imaginação mitificadora, a enorme selva que começa a ser destruída, a vida aviltada, e o silêncio talvez rompido num futuro breve.

isabel gouvêa

A parte que me cabe dentro desta "pequena" amostragem da Amazônia, é fruto de três momentos distintos da minha vida. Disse "pequena" porque a exposição ficou grande em quantidade e substância de conteúdo através de linguagens específicas da fotografia e poesia, e pequena quando se trata da Amazônia como problemática sócio-econômica-política, já que realidades significativas como a zona franca, e a transamazônica abortada em terra virgem pelo "milagre", não estão presentes.

O primeiro momento é as viagens à Amazônia, a vivência e reflexão de um mundo pleno d'água céu e terra, sendo destruídos sistematicamente por uma economia predatória, a vida das pessoas sugada pela persistência do subdesenvolvimento, tantas vezes escondida pelo isolamento dos lagos, dos paranás, ... As fotografias refletem os barcos n'água, as atividades do povo comprimido na terceira classe, mãos e águas de diferentes rios.

O segundo momento foi a aproximação da gente, quatro pessoas que passaram por essa experiência em lugares e épocas diferentes, e descobriram presentes no trabalho de todos tantos rostos dentro de redes por sua vez dentro de barcos, uma intersecção de temática e o mais importante, a necessidade de mostrarmos esse trabalho para um maior número de pessoas que fosse possível, achando que seria uma contribuição grande, sendo a Amazônia uma desconhecida, ou conhecida longe mistificada.

O terceiro momento principia com o processo de trabalho que possibilitasse a realização da exposição: fazer a triagem do material, discutí-lo, ampliar, cortar, montar, e lá vai etapa.

Agora é chegado o momento das pessoas olharem e discutirem muito. Fica a minha observação para que os olhos percorram o horizonte, margem mata fina de tanto céu e rio, vendo atravessar os barcos e o circo.

sonia da silva lorenz

Técnica e conteúdo cada vez mais nos parecem uma coisa só. Fala o grão, o assunto, o enquadramento: a fotografia é um todo, somatória de muitos fatores, cabe ao fotógrafo, conversando com eles, auxiliar a construção de uma imagem que por sua vez é soma de si — fotógrafo — e da parcela de mundo que, escolhida, fala por si e é índice de uma sociedade sempre mais abrangente, referencial. Isto pode apenas levar a uma maior individualização de cada imagem. Talvez por isso possa parecer, ao apressado, redundantes alguns aspectos aqui desenvolvidos. Porém, a intenção básica é que possa transparecer, no decurso da exposição, três visões pessoais, globalizadoras de um comportamento unificador diante de uma realidade, um espaço tempo particular, aquele da Amazônia.

Nossa ambição é que ao fruidor caiba o papel, senão tão ativo pelo menos tão intenso, na viagem que é demonstrativa também da realidade brasileira, multifacetada, profundamente sofrida, surpreendente sempre.

horácio nascimento costa
joão luiz musa

Em primeiro lugar, os rios comandam: são vias de comunicação; constituem a fonte mais certa e fácil de proteínas para a alimentação; as terras de várzea, refertilizadas todos os anos, são as melhores para a lavoura. A terra firme é muito pobre. A importância da mata é ilusória: ela está sobre solos pobres e se mantém graças à reciclagem dos nutrientes fundamentais. Uma vez removidos estes por queimadas ou colheitas, o empobrecimento é dramático.

A diversidade da flora e da fauna indicam que o homem deve conhecê-las intimamente, para sobreviver. Uma casa demanda diversas qualidades de madeiras, de cipós, de palhas. Animais e frutos só podem ser obtidos com eficiência em determinados lugares e tempos do ano. A simplicidade é complexa e delicada.

Finalmente, a densidade de população é estritamente regulada pelas condições locais. Apenas alguns lugares privilegiados, na vizinhança de lagos grandes e ricos, com amplas extensões de várzeas férteis, são capazes de suportar populações maiores. No mais, a aldeia pequena e itinerante, acompanhando as roças, é um imperativo do ambiente.

Paulo Vanzolini

Não havia mundo. O primeiro começo não te lembras.
Vazio de fumaças calmas, banhos, danças.

Atē sentires as chagas do primeiro estrondo:
resgates, correntes de vozes, fiéis.
Os filhos do alto são descidos.

Estranhos trovões que o rio escoia.
Águas claras e obscuras. Afluentes de escravos: o Mundo,
encontro racial das águas. Delta de mistérios.

Tudo desemboca no mar e além do mar
tudo é possível. A violência
é lastro do tempo mais remoto
que supurou teu hino, teu vento

e desaguaste

Já caboclo, como os répteis pardos caçados a dardos
metais plantados em cada braço

de rio

onde os homens amanhecem máscaras e assombrom
as inúmeras lacunas de uma história camuflada.

A quem serve a estrada que ronda o leito da tua casa?
Cada gleba fantasma?

Em cada mosaico, o rastro do animal vazado.
Em cada fruta, a nãdoa escura da acidez.
Em cada queimada, os gravetos vermelhos do ninho deserto.
Em cada intenção, o bicho. E seu tumor colonizado.

A cada século corresponde o seu tentáculo.
Raízes brancas, guelras e fibras. O elástico
de cada século repuxado, estirado à margem.

A terra firme é uma ilha de mormaço.

Tudo no ar é febre de calor e umidade,
a sensação amorfa, lançada pelo fogo e ar confabulados,
jorrando sobre teu corpo calvo
outrora verde alado

AMAZONAS